



A releitura da *religio cordis* por John Wesley como religião de coração e vida e sua experiência religiosa do dia 24 de maio de 1738

John Wesley's interpretation of the religio cordis as religion of heart and life and his religious experience occurred on May 24th, 1738

Helmut Renders*

Resumo: Este artigo compara a linguagem da *religio cordis* favorecida por John Wesley com os seus equivalentes imagéticos e textuais contemporâneos anglo-católicos, puritanos e pietistas. Com a paralela rejeição de um dos possíveis acompanhantes da *religio cordis*, o misticismo, emprega Wesley a linguagem da *religio cordis* para comunicar entre as classes populares inglesas uma piedade transformadora capaz de ler criticamente as estruturas da vida humana e enfrentá-las com coragem e esperança. Sugere-se que a chamada experiência de Aldersgate precisa ser interpretada não em primeiro lugar a partir de um ou outro modelo da *religio cordis* do passado, mas em sua combinação com a ênfase na graça universal e no amor incondicional, que resulta na qualificação do sujeito religioso para assumir as responsabilidades do seu papel cidadão.

Palavras chave: Protestantismo; John Wesley; *religio cordis*; experiência religiosa; religião e cotidiano.

Abstract: This article compares the language of the *religio cordis* favored by John Wesley with its Anglo-Catholics and Lutherans, Puritans and Pietists equivalents, based on emblematic or textual examples. With the parallel rejection of a possible companion of the *religio cordis*, mysticism, Wesley uses the language of the *religio cordis* to communicate among the popular classes a transformative piety able to see through and beyond the actual structures of human life as an empowerment to cope with them with courage and hope. It is suggested that the so called Aldersgate experience must be interpreted not at first hand from one or another model of the *religio cordis* of the past, but in its combination with its emphasis on universal grace and unconditional love, which results in the qualification of a people as religious subjects able to engage with the social role of citizens.

Keywords: Protestantism, John Wesley; *cordis religio*; religious experience; religion and everyday life.

* Professor Coordenador do PPG em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Teologia. helmut.renders@metodista.br

Introdução

A propósito das celebrações de 275 anos da sua experiência religiosa ocorrida no dia 24 de maio de 1738 na Rua Aldersgate, este artigo investiga forma e significado da *religio cordis* favorecida por John Wesley em seu contexto. Para isso, apresentamos primeiro, as suas expressões metafóricas e emblemáticas anglo-católicas, puritanas, luteranas e pietistas mais relevantes na Inglaterra entre os séculos 16 e 18. Em um segundo momento, elas são comparadas com aspectos característicos da *religio cordis* no discurso de John Wesley.

A *religio cordis* na Inglaterra dos séculos 16 a 17

A *religio cordis* católica e anglocatólica

Expressões chave da *religio cordis* católica na Inglaterra são as traduções de obras como a *Imitação de Cristo*, de Tomas à Kempis (1380-1471), e os livros emblemáticos *Schola cordis*, de Benedictus van Haeften (1588-1648)¹, e *Pia desideria*, de Hugo Herman (1588-1629).² A primeira tradução da *Imitatio Christi* para o inglês data de cerca de 1450,³ ou seja, ela pertence ainda à fase católica,⁴ e as obras dos contemporâneos Haeften e Herman, ambos livros emblemáticos, surgiram na segunda metade do século 17.⁵

A obra de Herman é considerada por seu tradutor, Avaker, uma “excelente peça devocional” direcionada “àquelas que a mais apreciarão, as senhoras religiosas da nossa

¹ B.v.HAEFTEN. *The School of the Heart*.

² Traduções das obras da *mãe da religio cordis*, Gertrudes de Helfta, aparecem na Inglaterra somente na segunda metade do século 19; cf. GERTRUDE OF HELFTA, *The Life and Revelations of Saint Gertrude, Virgin and Abbess, of the Order of St. Benedict*.

³ B.J.H.BIGGS. *The imitation of Christ*.

⁴ É uma das maiores expressões da *devotio moderna*. Com a sua ênfase em uma espiritualidade leiga, é hoje considerado um movimento protoprotestante.

⁵ A primeira tradução, porém, anônima, *impressa por M. Blunder no Castelo em Cornhill*, é de 1647; Cf. HUGO HERMAN. *Pia desideria*. Antverpia, 1642. Fac-símile com introdução de Hester M. Black, p. 12. A primeira tradução completa da *Pia desideria* é de 1676. Quatorze anos aparecia a tradução de Harvey da *Schola cordis*, em 1690. Isso coloca as duas publicações no fim do reinado de James II (1633-1701) e no início do reinado de Guilherme III (1650-1702). James II era um católico tolerante. Sua filha, Maria da Inglaterra (1662-1694), era protestante e casou-se em 1677 com Guilherme III, rei da Inglaterra desde 1689.

*época*⁶. Ele reconhece a origem jesuíta, porém, considera a obra como aceitável pelos anglicanos por causa da sua omissão de qualquer doutrina católica específica, como, por exemplo, a respeito do purgatório.⁷ Porém, a divisão do livro em três partes que correspondem “a *via purgativa*, a *via illuminativa* e a *via uniativa* do progresso da alma”⁸ (foca na união mística e, com isso, reproduz a ênfase teológica católica favorecida durante a Reforma Católica ou Contrarreforma).⁹

No livro aparece a *religio cordis*, diretamente, pela reprodução do coração (F1 e F2) e indiretamente, pela reprodução de flechas, tanto saindo do peito humano direcionado a Deus representando os desejos humanos¹⁰, como penetrando o peito humano (cf. as F8 e F9)¹¹ representando *um coração cheio de amor* tomado pelo êxtase.¹²

Todos os emblemas são compostos pelo *amor divinus* (sempre em forma de cúbido¹³) e a *anima humana* (em geral, uma figura sem asas).¹⁴ Assim, também no segundo emblema (figura 2): a *anima humana* está de joelhos¹⁵ e oferece seu coração para o *amor divinus*, que, por sua vez, segura as duas tábuas dos Dez Mandamentos, expressão do amor divino, representado por dois corações. A gravura é subscrita pelo salmo 119.80.¹⁶ Enquanto o salmo se refere à meditação da Torá no todo, a imagem a reduz a observação dos Dez Mandamentos, ou seja, ela enfatiza uma práxis religiosa reservada, no Catolicismo tradicional, ao povo comum. Esta se distingue das exigências em relação

⁶ H.HUGO. *Pia desideria*, p.10.

⁷ Ibid. p.13.

⁸ Dimler apud A. RASPA. Arwaker, Hugo´s Pia Disideria and Protestant poetics, p.65.

⁹ Contribuiu para o fato em si um aspecto técnico: a visível e consciente citação de obras conhecidas era no século 17 ainda considerado um elemento que valorizava uma obra e aumentava seu prestígio.

¹⁰ H.HUGO. *Pia desideria*, p.2.

¹¹ Ibid. p.156. Quarles emprestou esse emblema de Herman.

¹² Essa linguagem imagética da visualização do êxtase religioso é típica pelo Catolicismo tridentino e contrarreformista e cita a experiência da transverberação do coração, popularmente relacionado com Teresa de Ávila, mas, historicamente, articulada pela primeira vez por Gertrude de Helfta.

¹³ O católico Herman, das províncias holandesas sob influência espanhola, inspirou-se no gênero dos livros emblemáticos holandeses protestantes [das independentes províncias do Norte da Holanda] sobre o amor humano que surgiram entre 1600 e 1620.

¹⁴ Dimler apud A.RASPA., Arwaker, Hugo´s Pia Disideria and Protestant poetics, p.65 fala da “combinação da teoria dos três estágios da alma no seu caminho para Deus, desenvolvido primeiro por São Bernardo, com a tradição do Cúbido-Psique”.

¹⁵ A postura ajoelhada sempre acentua o aspecto mais receptivo da *contemplatio* ou *devotio* com foco no interior da pessoa (o que *coração* representa), em distinção da pessoa em pé ou *no caminho* da *imitatio* (*devotio moderna*) e *práxis pietatis* (Pietismo, Puritanismo, enfim, Protestantismo histórico).

¹⁶ *Fiat cor meum immaculatum in iustificationibus tuis, ut non confundat* (Seja reto o meu coração nos teus estatutos, para que não seja confundido).

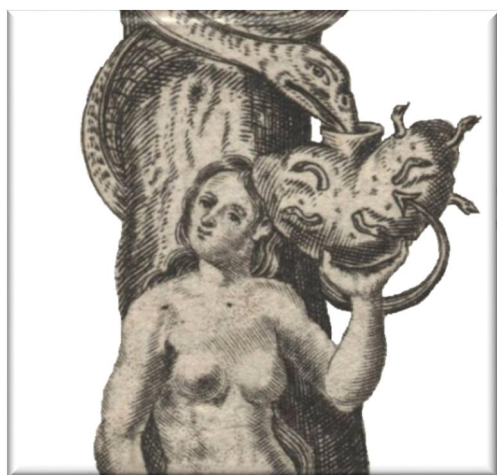
aos e às integrantes das ordens religiosas e seus programas de santificação no horizonte da perfeição e da mortificação dos desejos pessoais.



F1¹⁷



F2¹⁸



F3: detalhe [1º emblema].¹⁹



F4: detalhe [41º emblema].²⁰

¹⁷ H.HUGO. *Pia desideria*, capa.

¹⁸ Ibid. p.104 [detalhe].

¹⁹ B.v.HAEFTEN, *School of the heart*, p.2.

²⁰ Ibid. p.162.

Enquanto o texto foca na compreensão da leitura e seu efeito sobre as pessoas (coração), sinaliza na dupla apresentação – tanto do coração divino quanto do coração humano – a ideia da troca ou da substituição do coração humano pelo coração divino, uma metáfora tendencialmente misticista, por destacar algo imediato, não processual e não racional, mais uma experiência de união como resultado de contemplação do que uma ação. Essa interpretação corresponde também à estrutura do livro como todo.

A *Escola do Coração*, do padre beneditino Benedictus van Haeften, é uma meditação em 47 passos sobre o caminho de volta para Deus a partir da metáfora do coração como representação do interior da pessoa. Nesses 47 passos sempre aparece a palavra *coração* no título. Em alguns casos, incorporam também os emblemas da edição inglesa o símbolo do coração, como no caso do coração contagiado (F3) e do coração banhado (F4). Na figura F3, Eva segura um coração que lembra uma maçã podre, cheio de vermes. Da sua abertura para cima não saem chamas, mas parece que a serpente interage diretamente com o coração humana por sua boca e, eventualmente, por suas palavras. O segundo emblema (F4) é composto pelo *amor divinus* (com asas) que purifica o coração seguro pela *anima humana*, novamente ajoelhada (segunda figura, em outros casos, também um segundo cúpido), com suas lágrimas. Mais uma vez, acentua-se o aspecto receptivo.²¹

A religio pectorum puritana

Em seguida, vemos como puritanos como Geoffrey Whitney (1548-1601), George Wither (1588-1667), Francis Quarles (1592-1644) e Christopher Harvey (1597-1663) absorveram essa herança e como eles inspiraram John Bunyan (1628-1688).

Geoffrey Whitney

Whitney publicou suas *Choice of Emblems* em 1586, durante sua estada na Holanda. Sua obra é importante por ser um dos primeiros livros emblemáticos em inglês. O livro segue a proposta original de Alciato – inclusive, o uso de mais de 50 emblemas dele. Pretendeu “traduzir as virtudes da Roma de Augusto para um novo ambiente inglês”²² e popularizou as ideias de Alciato “para loci comunes”²³. Como Alciato, Whitney não se refere especificamente aos temas do amor, da religião ou da religião do coração.²⁴

²¹ De fato, é a purificação inicial em nenhuma vertente teológica cristã considerada um ato humano.

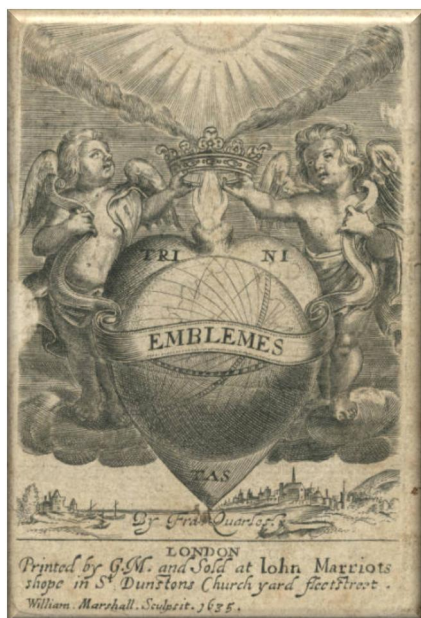
²² J.MANNING, *The Emblem*, p.105.

²³ Ibid. p.133.

²⁴ Seu emblema mais próximo é o da *concordia*, que se encontra na página 76.

Francis Quarles

Como Whitney, Francis Quarles era, em primeiro lugar, um poeta. Um número de suas frases e seus aforismos, inclusive, mas não exclusivamente de conteúdo religioso, se refere ao coração no sentido de pessoa ou da sua essência.²⁵ Entre outros, Quarles usou na sua obra *Emblemes and hieroglyphics of the life of man*, de 1634, emblemas de Hugo Herman.²⁶ Na sua obra, o coração representa tanto Deus quanto o ser humano. A capa combina uma iconografia jesuíta (coração com chamas) com a palavra *Trindade*²⁷. O décimo sexto emblema apresenta o coração humano como o lugar do desejo direcionado a Deus²⁸ e o décimo quinto como lugar do temor a Deus (F6²⁹).

F5³⁰F6: emblema 15 do segundo livro³¹

²⁵ *Heaven is never deaf but when man's heart is dumb* (O céu nunca é surdo, porém parece quando o coração do homem é mudo).

²⁶ J.MANNING, *The Emblem*, pp.96-97. "As ilustrações da *Pia Desideria* aparecem" "nos livros 3 a 4 dos Emblemas de Francis Quarles de 1635, entretanto, na sua grande maioria com versos de Quarles e não uma tradução dos versos de Hugo" (Cf. H.HUGO. *Pia desideria*. Antverpia, 1642. Fac-símile com introdução de Hester M. Black, p.12).

²⁷ F. QUARLES. *Emblems and hieroglyphics of the life of man*, capa.

²⁸ Somente com flechas. F.QUARLES, *Emblems and hieroglyphics of the life of man*, p.124.

²⁹ Ibid. p.121.

³⁰ Ibid. capa.

³¹ Ibid. p.121.

Mas essa relativa ausência do símbolo do coração não significa a ausência de temas a ele relacionados. Em Quarles, predomina ainda o motivo da alma (*soul*)³² e da amizade, sendo citado o Livro dos Cânticos 5.8 (F7 e F8)³³, obra predileta das vertentes místicas da *religio cordis*. Aqui, *o coração doente de amor* é simbolizado por um coração penetrado por uma flecha, o que lembra a iconografia de Augustinho e Benedito.



F7: 1º emblema, 5º livro³⁴



F8: detalhe³⁵

Novamente, a pessoa retratada está sentada, com uma mão segurando a cabeça e a outra dando a bênção. Esse gesto é encontrado, normalmente, nos retratos latinos do Cristo ressurreto, porém, sempre do lado direito, nunca do lado esquerdo. Assim, mantém-se a distinção entre a esfera divina e a esfera humana.

George Wither

George Wither acompanha as tendências religiosas da sua época. Defendeu, primeiro, uma posição mais arminiana, durante da época de Cromwell assumiu um

³² Quarles usa pela representação da *anima humana* também uma figura com asas, iconografia normalmente reservada para o amor divino.

³³ Somente com flechas; F. QUARLES. *Emblems and hieroglyphics of the life of man*, p.244.

³⁴ Ibid. p.244.

³⁵ Ibid.

calvinismo mais ortodoxo e depois se tornou um anglicano, com posterior simpatia para os Quackers. O seu livro emblemático *Collection of Emblems, Ancient and Moderne* (1635) é da primeira fase, mais arminiana, e usa o símbolo do coração poucas vezes e sem significado especificamente religioso. No exemplo abaixo, o coração representa o desejo intenso (F9).



F9: emblema 39³⁶

A iconografia do coração combina elementos protestantes (coração maciço) e católicos (chamas). Porém, trata-se de um livro emblemático renascentista, sem ênfase religiosa.

Christopher Harvey

O poeta Harvey publicou a obra de Haeften em 1647 anonimamente e, em 1664 e 1676, uma segunda e terceira edição sob seu nome. Porém, Harvey aplica a sua própria poesia e não simplesmente traduz o original. Mesmo assim, os emblemas prevalecem.

³⁶ G.WITHER. *Collection of emblems, ancient and modern*, p.39.

John Bunyan

Segundo Scharrock, Whitney, Quarles e Wither teriam inspirados Bunyan (1628-1688): “Bunyan é o grande artista dessas similitudes arquetípicas populares, e apesar de a sua dicção dever em muito [...] (a) o tipo figurativo de sermão, seu imaginário é emprestado do mundo dos livros emblemáticos”³⁷.

No próprio livro, *O Peregrino* (1678), Bunyan interpreta na *casa do tradutor*, amplamente, por meio de metáforas do coração. Nas falas pessoais das suas personagens, *coração* e *alma* são sinônimos. O guia para a terra desejada no capítulo dois chama-se *coração grande* (*greatheart*) e, no capítulo dez, Bunyan usa as metáforas do palácio e do castelo para descrever o coração humano como moradia disputada pelo bem e pelo mal. Este imaginário lembra Antônio Wierix (coração disputado)³⁸ e Teresa de Ávila (transverberação do coração e metáfora do coração como castelo). *Greatheart* remete, além disso, a uma tradição de nomes de reis, ou seja, é, nessa tradição, mais uma referência masculina do que feminina.³⁹

A *religio pectorum* no Pietismo alemão

A Inglaterra sofreu também certa influência pelo Pietismo alemão, também chamado a *religião do coração* (*Herzensreligion*). Apesar de Johannes Arndt (1555–1621) e sua obra *Cristianismo Verdadeiro* (1605), considerado um texto místico,⁴⁰ não serem traduzidos antes de 1809 para o inglês, aparece uma tradução abreviada no primeiro volume da *Biblioteca Cristã* em 1750, editada por John Wesley.⁴¹

³⁷ R.SHARROCK. *Bunyan and the English emblem writers*, p.106.

³⁸ O primeiro livro emblemático da *religio cordis* foi o da calvinista Georgette de Montenay (1540-1581): *Emblèmes ou devises chrestiennes* (1560), seguida pelo de Antônio Wierix: *Cor lesv amanti sacrum*. (1585-86).

³⁹ Ricardo I (1157- 1199), o *Lionheart* (Leonardo, Coração de Leão). O próprio nome *Richard* (Ricardo) significa “coração rico”; veja também Reinhard (Reinardo, Coração Puro) e *Ironheart* (Coração de Ferro).

⁴⁰ Segundo J.ROHLS. *Protestantische Theologie der Neuzeit*, p.66; promove Arndt a substituição da ênfase na justificação pela ênfase no renascimento e na santificação, “que agora depende todo da união mística com Deus. [...] O caminho da salvação cristã passa pela união da alma com Deus, a qual também pode ser considerada o Reino de Deus no interior”.

⁴¹ Tudo indica que a tradução de Wesley seja a mais antiga. A edição por Wesley foi reeditada em 2012 (J.ARNDT, *True Christianity*).

Nicolaus Ludwig Zinzendorf

No Pietismo de Herrnhut, sob a liderança do Duque Nicolaus Ludwig Zinzendorf (1700-1760), encontramos na sua explicação da *praxis pietatis* da *Brüdergemeinde*⁴² uma rica articulação da religião do coração. Feil vai tão longe ao descrever toda a compreensão da religião de Zinzendorf como *Herzensreligion* (Religião do coração) e lembra do contínuo e variado uso da expressão pelo próprio Zinzendorf em pregações, pronunciamentos e cartas.⁴³ É importante, porém, destacar, que a *religio cordis* de Zinzendorf não se limitava somente a promover uma relação íntima do ser humano com Deus e o próprio interior. Pelo contrário, Zinzendorf enfatizava o aspecto comunitário da experiência de Deus, como mostra, entre outras, uma das canções mais conhecidas da sua autoria:

Unidos em comunhão, coração ao lado do coração
Procurem descanso no coração de Deus.
Deixem as suas chamas de amor
Se levantar na direção do salvador.

Ele, a cabeça, e nós, seus membros,
Ele, a luz, e nós, o [seu] brilho,
Ele, o mestre, e nós, [sua] irmandade,
Ele é nosso e nós somos dele.

Deixe-nos ser tão unidos,
Como tu és uno com o Pai,
Até que, neste mundo,
Não haverá mais nenhum membro à parte.

E somente do seu fogo,
A nossa luz empreste seu brilho,
E assim o mundo perceberá,
Que somos seus discípulos.

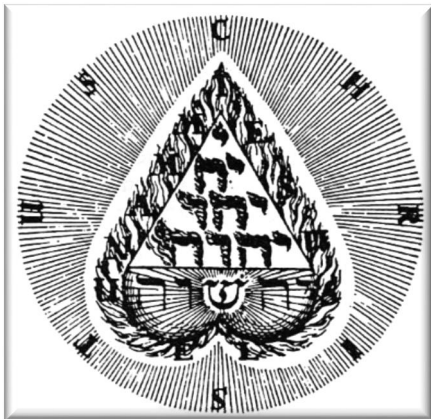
⁴² Aos morávios chama-se, em alemão, *Brüdergemeinde*, literalmente, comunidade dos irmãos ou comunidade fraternal.

⁴³ E.FEIL, *Religio*, p.85.

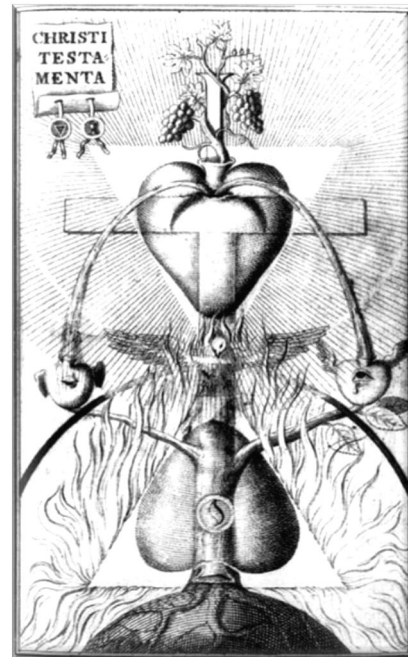
A *religio cordis* de Zinzendorf enfatiza a comunhão com Deus e a comunhão entre irmãos e irmãs, e a metáfora do *coração com chamas grandes (lodern)* expressa dedicação nos dois tipos de relacionamentos, relacionando um mundo interior com o mundo exterior.

Representações da *religio cordis* na teosofia de Jacob Boehme

Outra vertente da *religio cordis* luterana era a da teosofia de Jacob Boehme (1575-1624), contemporâneo de Johann Arndt. Trata-se de um misticismo altamente especulativo e antirracionalista.⁴⁴ Boehme não somente manteve a tradição da simbologia do coração como expressão imagética, com também criou uma linguagem figurativa própria (F10 e F11).



F10:
O aufrichtige Herz de Boehme⁴⁵



F11:
Emblema De Testamenti Christi, 1623⁴⁶

A primeira chama-se um *coração sincero* (F10). Sincero, em alemão *aufrechtig*, vem de *aufrecht*, que significa erguido. Isso representa Boehme, graficamente, colocando a ponta do coração para cima. O coração mesmo é plenamente preenchido por Deus

⁴⁴ H.S.COELHO, *Revolução na Reforma: a mística e a ciência sob a nova perspectiva teológica de Jakob Böhme*, p.138. Segundo esse autor, "Jakob Böhme introduz o neoplatonismo para a igreja luterana".

⁴⁵ J.BOEHME, *O Aufrechte Herz de Boehme*.

⁴⁶ J.BOEHME, *Emblem De Testamenti Christi. Theosophia Revelata*, 1730.

Filho citando três nomes de Jesus – *Christus* (ao redor), *Jesus* e *Immanuel* (inscritos em torno do coração) – Deus Pai – mediante do uso do tetragrama hebreu JHWH – e do Deus Espírito – representado pelas chamas que estão ao redor de todo o coração. O segundo emblema (F11), criado por Boehme em 1623, combina dois corações, um deles o coração sincero humano, o outro o coração de Jesus (parte superior).

Na próxima geração dos seus discípulos, os chamados boehmistas, combinou-se os ensinamentos de Boehme com Johannes Tauler (1300-1361). Veja, como exemplo, na publicação *Espelho do coração claramente brilhando*, de 1680, (F12-F13), na qual o coração novamente representa o interior do ser humano:

F12: emblema 6⁴⁷F13: emblema 8⁴⁸

As gravuras (F12 e F13) foram criadas por Nicolaus Häublin (1650-1685)⁴⁹ e comentadas por Paul Kaym, um amigo de Boehme, ou seja, elas já pertencem à *escola*

⁴⁷ Paul Kaym, *Helleleuchtender Hertzens-Spiegel*.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Na literatura ele aparece, às vezes, como autor com o pseudônimo Nicolaus von Wehrd.

de Boehme. Eles, suas vez, basearam-se nos escritos de Abraham von Frankenberg (1593-1652), primeiro biógrafo de Boehme e estudioso de Tauler.⁵⁰

O coração humano é passivo e procurado tanto por Deus e sua graça (figuras 13, lado esquerda, *gratia* e sol) quanto pelo diabo através da sua natureza (figuras 13, lado direito, *natura* e lua). Em ambos os emblemas rege uma rigorosa divisão, ou vertical (figura 13) ou horizontal (figura 14). Na Inglaterra, os pensamentos de Boehme foram divulgados já a partir de 1640 e muito apreciados pela Sociedade Religioso dos Amigos, também chamados os Quakers. No século 18, influenciaram William Law (1686-1761), que editou sua obra em quatro volumes em 1764⁵¹.

Considerações intermediárias

Resumindo: expressavam-se mediante da *religio cordis* diversas formas da práxis da fé, desde versões mais contemplativas até formas mais comunitárias. Como a Holanda, a Inglaterra se tornou um lugar de intercâmbio e releituras dessas vertentes. No próximo capítulo, investigaremos quais dessas linhas John Wesley seguia.

A *religio cordis* de John Wesley

Wesley sobre as vertentes mencionadas ou seus representantes

Wesley e Boehme

Entre os mencionados possíveis contribuintes da *religio cordis* de John Wesley precisamos excluir, de imediato, Jacob Boehme. Wesley encerrou os contatos com William Law ao redor de 1738, justamente por causa da sua crescente assimilação de posições de Boehme.⁵² Segundo Harper, Law estava, nesta fase, "... em sintonia com Jacob Boehme e os platônicos de Cambridge"⁵³. De fato pronunciou-se Wesley diversas

⁵⁰ Um emblema de Häublin (N.v, WEHRD. *Helleleuchtender Hertzens-Spiegel*, p.69) parece também citar na sua parte superior o emblema 4 de Wierix (1586), *O menino Jesus limpando o coração humano* (veja as figuras 61-63), eventualmente, segundo a edição de Hohenburg.

⁵¹ W.LAW. *The works of Jacob Behmen, the Teutonic theosopher*. A metáfora do coração, falando tanto do coração de Jesus quanto do coração humano, é muito presente nos quatro volumes (vol 1 [com 332 páginas]: 845x; vol. 2: 568x; vol. 3: 214x; vol. 4: 240x).

⁵² R.P HEITZENRATER. *Great expectations*, p. 59.

⁵³ K. HARPER. *[William] Law and [John] Wesley*, p. 67.

vezes contra aspectos da piedade neoplatonista, por ele simplesmente chamada *mística*.

⁵⁴ Não por acaso, lemos, em 1739:

A forma como São Paulo ensina a edificação das almas é tão distante da forma ensinada pelos místicos! A religião na qual esses autores nos edificariam é religião solitária. “Se você quer ser perfeito”, eles dizem, “não se preocupe com obras externas. É melhor trabalhar virtudes e o querer”. [...] Para eles, a contemplação é o cumprimento da lei, ainda mais, [trata-se de] uma contemplação que consiste na cessão de todas as obras.⁵⁵

Em seguida, Wesley contrasta o, como nos diríamos, misticismo solitário e predominantemente contemplativo com sua proposta de uma religião comunitária e engajada:

Porque a religião, na qual estes autores [os místicos, o autor] pretendem nos edificar, é uma religião solitária [...] O evangelho de Cristo é diretamente oposto a isso. Religião solitária não se encontra aqui. “Santos solitários” é uma frase nada mais consistente com o evangelho do que adúlteros santos. O evangelho de Cristo não reconhece nenhuma religião que não seja social; nenhuma outra santidade que não seja a (santidade) social; “Fé operando pelo amor” é o comprimento, a largura, a profundidade e a altura da perfeição cristã.⁵⁶

Wesley manteve esta posição durante toda sua vida, como mostra sua detalhada crítica da obra de Boehme no *Arminian Magazine* em 1781, os *Pensamento sobre Jacob Boehme*⁵⁷. No mesmo ano, criticou Boehme na sua *História eclesiástica* como “a cabeça [de um] bando de visionários...”⁵⁸. Em 1782, ele distingue finalmente a aprovação de Law e a rejeição de Boehme.⁵⁹ Apesar disso, incorporou Wesley alguns conselhos de

⁵⁴ A pesquisa inglesa e brasileira não distingue claramente entre mística como abertura para a experiência do transcendente e misticismo como continuidade da escola neoplatônica em sua negação radical do corpo e do mundo. Apesar disso, lembra English com toda razão, o diálogo entre o neoplatonista Norris e John Wesley; cf. J.ENGLISH. John Wesley's indebtedness to John Norris.

⁵⁵ C.WESLEY; J.WESLEY. *Hymns and sacred poems*, p. 223.

⁵⁶ *Ibid.*, pp.321-322.

⁵⁷ J.WESLEY. *Thoughts upon Jacob Behmen*, pp.268-274.

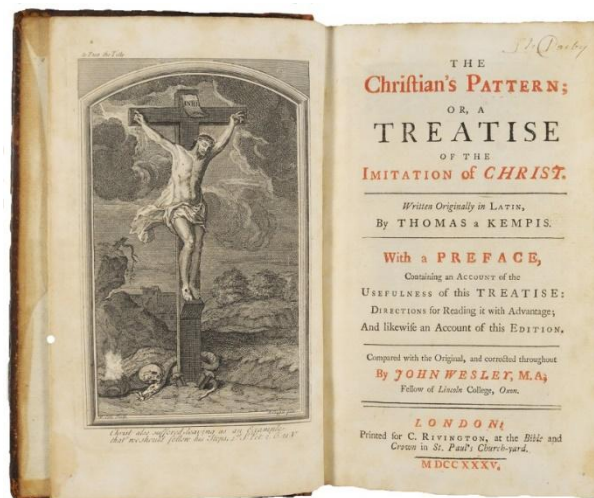
⁵⁸ J.WESLEY. *A concise ecclesiastical history*, pp.90-91.

⁵⁹ J.WESLEY. *A specimen of the divinity e philosophy, of the highly illuminated Jacob Behmen*, p.207.

Boehme, relacionados a dietas vegetarianas, em seu livro de medicina popular chamado no *Primitive physick*.⁶⁰

Wesley e à Kempis

Bem diferente tratou Wesley Tomas a Kempis. O interesse de Wesley nele data desde 1725 e é expressa através da confecção de uma própria edição da obra *Imitatio Christi*⁶¹.



F14⁶²

Porém, mesmo nesse caso de admiração, trata-se de uma cautelosa adaptação da mística kempisiana. Wesley omite justamente aquelas seções que promovem o ideal da vida monástica⁶³ ou a kampsiana negação da graça preveniente.⁶⁴ Assim, o *Sitz im*

⁶⁰ George Chyene, um amigo pessoal de William Law, fez a intermediação (A.P. OUÉDRAOGO, *The social genesis of vegetarianism to 1859*, pp.157-158). Não sabemos, porém, se Wesley sabia da origem dos conselhos. Ele se refere somente ao próprio Chyene.

⁶¹ J.WESLEY. *The Christian's pattern, or: a treatise of the Imitation of Christ*.

⁶² T.À. KEMPIS. *Imitatio Christi*. Editada por J. Wesley em 1735.

⁶³ Veja as omissões das seções 9 e 17 do 1º livro – *Obediência e subjeção* e *Vida Monástica*, na tradução de Wesley (Cf. Chilcote em T.À. KEMPIS. *The imitation of Christ*, pp. xxviii-xxxi e pp. 178-181). Isso acontece apesar de Kempis se referir à vida monástica em uma perspectiva leiga, ou seja, próxima as ideias das ordens da terceira.

⁶⁴ Veja a exclusão da 53ª seção do 3º livro – A graça de Deus não é cedida aos interessados em coisas mundanas – por contrariar a compreensão do caráter preveniente da graça. O mesmo vale para as omissões no 4º livro quanto à Santa Ceia (6ª, 10ª e 18ª seção). Veja também Paul Chilcote em T.À. KEMPIS, *The imitation of Christ*, pp. xxviii-xxxi e pp.178-181).

Leben do conforto do coração (tradução de Chilcote) ou da *consolação no interior* (original de Kempis) é o cotidiano, não o monastério. Wesley não ensina que a felicidade seja alcançada, principalmente, por meio do contentamento ou da obediência aos priores das ordens, mas, como uma atitude aberta ao e em contato com o mundo, na base da liberdade da consciência:

Somente os metodistas não insistem em ter esta ou aquela opinião, mas eles pensam e deixam pensar. Nem eles impõem uma forma particular de culto, diferente, você pode continuar a celebrar o culto na forma anterior, qualquer que seja. Então, eu não conheci nenhuma sociedade religiosa, seja na antiguidade ou na modernidade, em que essa liberdade de consciência é permitida ou tenha sido permitida, desde a época dos Apóstolos. Aquilo é nossa glória, uma glória particularmente nossa. Qual sociedade a compartilha conosco?⁶⁵

Segundo Wesley, Deus, “pelo seu próprio bom prazer, criou uma criatura como o ser humano, um espírito incorporado, e, como consequência da sua natureza espiritual, foram providenciadas compreensão, vontade e liberdade”⁶⁶. Em outras palavras, *liberdade, vontade e compreensão* fazem, segundo Wesley, parte do prazer divino na humanidade e da sua *natureza espiritual*.

Wesley e Zinzendorf

Outra influência evidente sobre John Wesley vem de Nicolaus Ludwig Zinzendorf. Ela a inicia em sua viagem para Geórgia em 1735 e chega à sua expressão máxima na própria experiência de Aldersgate, justamente em um ambiente moraviano. Mas, justamente a tendência dessa sociedade moraviana inglesa para o quietismo, chamado por Cobb Jr. uma “*mística cristocêntrica*”⁶⁷, nós diríamos, um *misticismo cristocêntrico*, leva à separação entre os dois homens e movimentos, consumidos pela saída do grupo metodista da até lá compartilhada sociedade religiosa, em 1741.

Em seu nível mais profundo, o dissenso foi soteriológico. Zinzendorf focava no caráter imputativo da justiça divina, Wesley favoreceu o modelo da justiça compartilhada. Não o ato jurídico em si, objetivo e abstrato, mas, especificamente, seu efeito subjetivo, palpável e capacitador, interessava de Wesley.⁶⁸

⁶⁵ J.WESLEY. *Diário*, 17/05/1788.

⁶⁶ J.WESLEY. *Thoughts upon God's sovereignty*, §6.

⁶⁷ J.B. COBB. *Grace and responsibility*, p.48.

⁶⁸ Mais uma vez, trata-se também de um acento antineoplatônico.

Quanto ao nosso tema em especial, a *religio cordis*, identificamos, porém, uma duradoura influência de Zinzendorf, para além de 1741. O aspecto comunitário da sua *religio cordis* prevaleceu no Metodismo, especialmente, pela criação de classes e *bands*, pequenos grupos facilitadores da convivência próxima e da confissão e do encorajamento mútuos. Entretanto, Wesley iria ainda agregar ao aspecto comunitário o aspecto público.

Wesley e Bunyan

Enquanto a relação entre os autores ingleses de livros emblemáticos em Wesley ainda não foi esclarecida, sabemos da sua apreciação de Bunyan que rendeu uma tradução e edição do seu “Peregrino na Biblioteca Cristã”. Mais uma vez, porém, trata-se de uma edição com modificações, como Johnson explicou.⁶⁹ Enquanto Wesley apreciava as ideias de Bunyan quanto à sinceridade no caminhar em busca da santificação, ele, como Tory, recusava-se a repetir as convicções políticas antimonarquistas típicas de um batista dessa época.

A *religio cordis* de John Wesley

Percebe-se que John Wesley não somente conhecia diversas expressões da *religio cordis* da sua época, como integrou seus elementos na sua articulação da espiritualidade e práxis metodista, porém, quase sempre na base de uma releitura. Nesta segunda parte, investigamos as metáforas e os aspectos chaves dessa integração e releitura.

Registra-se, primeiro, a mesma ausência de material emblemático que já encontramos no Pietismo. Uma rara exceção é o uso de um emblema da *religio cordis* encontrada numa capa de um panfleto publicado por John Wesley em 1748 (figura 15). Nele, uma águia está pousada acima de um coração.



F15⁷⁰



F16⁷¹

⁶⁹ G.K. JOHNSON, Of Bowels and Bigotry,, pp.40-55.

⁷⁰ J.WESLEY. *Uma palavra para um bêbado*, [capa].

⁷¹ Ibid. detalhe.

Com clareza, podemos identificar as chamas acima do coração (figura 16) encontrado em emblemas puritanos (por exemplo, no brasão da cidade de Plymouth, de 1629), mas, porém, também em emblemas jesuítas. Como um único emblema isolado não sustenta nenhum argumento, precisamos, então, recorrer às expressões metafóricas e conceituais contidas em seus textos. Entretanto, lembra o símbolo do águia com o coração de textos como Êxodo 19.4 e Isaias 40.31, em que se representam a misericórdia de Deus que dá a força para se reerguer. Se for essa a ideia, seria uma representação que sinalizasse bem o objetivo do panfleto direcionado a uma pessoa em crise e chamada a reagir.

O coração estranhamento aquecido: o coração e a relação de Deus com o ser humano

Certamente faz a maioria dos/as metodistas brasileiros/as a relação entre a *religio cordis* e John Wesley a partir da descrição de uma experiência religiosa, ocorrida no dia 24 de maio de 1738. Ela foi, posteriormente, compartilhada por Wesley no seu diário, publicado pela primeira vez em 1741.

À noite, fui sem grande vontade a uma reunião na Rua Aldersgate, onde alguém lia o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Cerca de um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus realiza no coração pela fé em Cristo, senti meu coração estranhamente aquecido. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a salvação; e uma segurança foi-me dada de que Ele havia perdoado os meus pecados, sim, os meus pecados, e salvou-me do pecado e da morte.⁷²

Antes de interpretar o texto, discutimos a sua divulgação. Com cada reimpressão do diário durante a vida de Wesley, o relato de Aldersgate também foi novamente divulgado e se estabelece como momento importante da vida espiritual do autor. Entretanto, somos confrontados pelo surpreendente fato de que Wesley, quando falava da história do Metodismo e seus momentos marcantes, nunca mencionou novamente essa sua experiência pessoal.⁷³ Interpretamos esse duplo resultado da seguinte forma: Wesley nunca negou a importância dessa experiência para ele mesmo, porém jamais a

⁷² W.R.WARD, R.P.HEITZENRATER. *Journals and Diaries*, pp.249-250.

⁷³ J.WESLEY. *Thoughts upon God's sovereignty*; J.HAMPSON. *Memories of the late rev. J. Wesley A. M.*

entendia como modelo único ou padrão para o movimento metodista em geral.⁷⁴ Entretanto, na memória do povo metodista o relato não desapareceu, como mostra uma pregação feita por ocasião do funeral de John Wesley em Manchester.⁷⁵

Quanto ao conteúdo, a experiência de Aldersgate relaciona o aspecto objetivo da salvação – seu autor é Deus mediante Cristo, e somente Ele – com o saber subjetivo de confiança e certeza e seu impacto afetivo: “*Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a salvação; e uma certeza foi-me dada, de que Ele havia perdoado os meus pecados, sim, os meus pecados, e salvou-me do pecado e da morte*”. O sentir o coração estranhamente aquecido e o sentir que confia formam uma unidade afetivo entre o sentir e o saber.⁷⁶

Wesley entendia o coração, em sintonia com a antropologia bíblica, como uma representação do interior do ser humano com diversas ocupações. Por um lado, era o lugar da sabedoria e do exercício do discernimento. Assim cantaram as sociedades metodistas, no hino *Mas que são todas as bênçãos, Senhor. “Inspire nossos corações com o conhecimento da sua graça”*. Outro hino refere-se à cegueira, “tanto do coração quanto da mente” carentes da “sabedoria de cima”, mas criadas para “unir um par tanto tempo desajuntado, o conhecimento e a piedade vital, aprendizado e santidade combinado”.⁷⁷ Nas *Notas explicativas sobre o Antigo Testamento* (1765) interpreta John Wesley a “largueza de coração” (1Re 4.29) como “vastidão de compreensão” e “conhecimento mais abrangente de todas as coisas divinas e humanas”⁷⁸. Comentando Eclesiásticos 1.15-18, afirma que essa busca de sabedoria pelo coração, porém, sempre deveria ser autocrítica e ciente das suas limitações:

Todo o nosso conhecimento serve apenas para descobrir a nossa miséria, mas ele é absolutamente insuficiente para removê-la e não pode corrigir esses distúrbios que estejam em nossos corações e vidas. [...] Quanto mais se sabe, mais nós vemos nossa própria ignorância.⁷⁹

⁷⁴ R.P. HEITZENRATER. *Great expectations*, p. 91. Isso quer dizer que a ênfase do Metodismo brasileiro no *coração aquecido*, como experiência religiosa *tipo Aldersgate*, não tem muito respaldo de ponto de vista do próprio Wesley.

⁷⁵ R.RODDA. *A discourse delivered at the chapel in Oldham-Street*.

⁷⁶ Essa relação não funciona automaticamente de forma invertida: nem todas as sensações de coração aquecido focam no perdão divino como experiência fundante da vida cristã, à qual também corresponde uma clara percepção de ser pecador ou pecadora.

⁷⁷ C.WESLEY, J.WESLEY. *Hymns and sacred poems*.

⁷⁸ J.WESLEY. *Notes upon the Old Testament*.

⁷⁹ *Ibid.*

Nessas passagens, o coração é então descrito como lugar da sabedoria e do discernimento, encarregado de *“unir um par tanto tempo desajuntado, o conhecimento e a piedade vital, aprendizado e santidade combinados”*.

Se teu coração está com meu coração: os corações em comunhão ou a religião social

Em discussão na parte final dos *Pensamentos sobre a escravidão*, refere-se Brycchan Carey à *retórica sentimental* de Wesley e sua

... ideia da simpatia. Quase todas as argumentações genuinamente sentimentais nos textos do século 18 giram ao redor do relacionamento central entre a sensibilidade, a capacidade de sentir e a simpatia, a capacidade de imaginar os sentimentos de outro como seus próprios. De fato, uma definição importante da palavra “simpatia” – no Dicionário de Samuel Johnson (1755) – a descreve como “sensibilidade mútua”.⁸⁰

Entendemos que esta sensibilidade mútua era tão importante para as sociedades metodistas em si (chamada por Wesley *religião social*) como por sua relação com o mundo ao seu redor (chamado por Wesley, em sua qualidade, como *santidade social*).

Veja, por exemplo, a passagem do sermão conhecido chamado originalmente *Catholic spirit*, que pode ser traduzido por espírito *católico*, espírito *ecumênico* ou até, num sentido menos literal, espírito *amplo, aberto*.

[§5] Mas, embora a diferença de opiniões ou de formas de culto possa obstar a completa união orgânica, deve tal diferença impedir nossa unidade de sentimentos? Embora nós não possamos pensar do mesmo modo, não podemos amar a maneira igual? Não podemos ter um só coração, ainda que não tenhamos uma opinião só? Sem dúvida alguma que o podemos. Nisto, todos os filhos de Deus podem unir-se, não obstante aquelas diferenças secundárias. Permaneçam estas como estão, e ainda os crentes podem-se acompanhar uns aos outros no amor e nas boas obras.⁸¹

Nessa passagem, *ter um coração* significa saber se relacionar com pessoas diferentes. A expressão *unidade de sentimentos*, porém, requer um comentário. Wesley fala, literalmente, da *union in affection*. De fato, são *sentimentos* e *de* somente uma possível

⁸⁰ B.CAREY, *John Wesley's Thoughts upon Slavery*, p.284.

⁸¹ J.WESLEY. *Sermões de Wesley*, p.254.

tradução de *affections* e *in*. Comparamos essa tradução com outras opções. O termo literal seria, eventualmente, *afeição*, porém, no português, ele é mais usual na medicina para descrever patologias. Entretanto, resta ainda a tradução por *afeto*. A palavra articula que uma pessoa é aberta para outra pessoa, capaz de reagir às suas alegações de forma respeitosa e sob uma intenção positiva.⁸² Também deveríamos contemplar a diferença entre *in* ou *em*, em vez de *de* ou *of*, destacando o caráter mútuo dos afetos que, por sua vez, carrega a ideia da liberdade na aceitação desse tipo de relacionamento.

Quanto ao potencial significado dos afetos para relacionamentos maduros dentro das sociedades religiosas e das sociedades metodistas ao seu redor, fez Randy Maddox duas importantes contribuições.⁸³ Primeiro, explorou a compreensão de Wesley da possibilidade da transformação da afetividade humana pela experiência da graça divina como fundamental para mudanças reais de comportamento humano. Essa ideia reflete, segundo Maddox, por um lado, uma valorização do afeto humano. Em vez de identificá-lo como potencialmente perigoso e pecaminoso, que, com a ajuda da razão, deve ser reprimido ou *mortificado*, o afeto é visto como força vital positiva que pode ser transformado em paixão e desejo a favor das coisas do Reino, sendo assim um grande propulsor da vida cristã. Segundo, o afeto como misericórdia, aquela força propulsora que faz a miséria dos outros por livre escolha assunto dos corações de um grupo em conjunto, constrói relacionamentos internos e externos de uma forma dinâmica e libertadora.

A religião do coração e vida ou um coração reto: misericórdia e justiça ou a santidade social

Essa tarefa de reconciliar termos tantas vezes afastados um do outro transparece na preferência de Wesley por outras expressões duplas, como “religião de coração e vida”, “santos de coração e de todo procedimento” e “santidade de vida, surgindo da santidade do coração”⁸⁴. Que essas *polaridades dinamizantes*⁸⁵ representaram algo no cotidiano, transparece na seguinte citação dos *Pensamentos sobre a escravidão*, de John Wesley:

V.3. Você é um homem? Então você deve ter um coração humano. Mas você tem realmente? De que é feito o seu coração? Será que não se encontra nele um

⁸² Em comparação, o uso medicinal de *afeição* refere-se a patologias como resultado de uma causa externa ao ser humano, em distinção da doença como desequilíbrio.

⁸³ R. L.MADDOX. *Holiness of heart and life*, pp.151-172 e *A Change of Affections*.

⁸⁴ A.H.SONNI. *A religião do coração nos sermões 53-141 de John Wesley*.

⁸⁵ H.RENDERS. *Andar como Cristo andou*, pp.273-276.

princípio como o da compaixão? Você nunca sente a dor do outro? Você não tem simpatia por ninguém? Nenhuma percepção da dor humana? Nenhuma pena para com o miserável? [...] Quando você apertou as criaturas agonizantes para entrar no fundo do navio, ou quando você jogou seus pobres restos destroçados no mar, você não se compadeceu? Não houve uma só lágrima em seu olho, não escapou nenhum suspiro do seu peito?⁸⁶

Aqui, *ter um coração* é equivalente a favorecer *um princípio como o da compaixão*. Podemos caracterizar a compaixão como uma *paixão para com o outro*, distinta da sensação de uma *paixão para consigo*, um belo sentimento. Enquanto a compaixão sempre transborda para a ética, a busca da paixão pela sensação da paixão não vai além da simples estética dos sentimentos e das sensações prazerosos ou agradáveis. Assim conclui, também, Rui de Souza Josgrilberg:

O método de Wesley conjuga aspectos vivenciais com critérios externos. Ele articula na experiência cristã o interior com o exterior, o pessoal com o eclesial e o social, o racional com o revelado, o coração com a vida, o amor a Deus com o amor ao próximo. Um termo pressupõe o outro.⁸⁷

Com essa avaliação, rompe-se um modelo que opõe um misticismo no interior a uma *praxis pietatis* no exterior. O específico está na dinâmica entre interior e exterior:

De um lado aparecem os *fundamentos da religião do coração* como necessários para uma autêntica religião e entrada no Reino de Deus. Na outra face estão as *exigências práticas do Reino de Deus*, a práxis cristã do Reino e sua nova disposição de justiça (deve exceder a justiça da religião farisaica).⁸⁸

Essa ênfase na relação e complementaridade transparece em lugares centrais, como na regra da fé essencial dos metodistas, as suas *Regrais Gerais* – “a) não fazer o mal; b) fazer o bem; c) usar os meios de graça” – e em uma advertência nas *Marcas de um Metodista*:

⁸⁶ J.WESLEY. *Thoughts upon slavery*.

⁸⁷ R. de S.JOSGRILBERG. *Wesley e a experiência cristã*, p.48. Josgrilberg nunca se pronunciou a respeito da *religio cordis* em si ou em Wesley. Suas conclusões, porém, são parecidas com as nossas quanto à *religio cordis* em Wesley.

⁸⁸ R. de S.JOSGRILBERG. *As pregações de Wesley sobre o Sermão do Monte*, p.46.

[Um metodista] não se distingue por colocar toda ênfase da religião em uma única parte dela. Se você afirma, ao contrário, que “sim”, pois somos “salvos somente pela fé”, eu afirmo que você não compreende os termos da questão. Por “salvação” entendo também “santidade de vida e de coração” (...). É isto colocar uma parte da religião como se fosse o todo?”⁸⁹

A *religião do coração e da vida* representa, então, o exercício de uma *Espiritualidade comprometida* que relaciona “... santidade interior e exterior, santidade de coração e santidade de vida, vida cristã pessoal e reciprocidade cristã comunitária, santidade pessoal e santidade social”⁹⁰. O trabalho que essa abertura mútua significa fica evidente mais adiante no mesmo sermão:

[§I.17] Teu coração é reto para com teu próximo? Amas, como a ti mesmo, a toda a humanidade; sem exceção? “Se somente amas àqueles que te amam, que recompensa tens?” Amas a “teus inimigos?” Tua alma está cheia de boa vontade, e tem afeto para com eles? Amas ainda os inimigos de Deus, aos ingratos e ímpios? Tens o coração comovido por sua causa? Podes “desejar” ser temporariamente “maldito” por causa deles? E mostras este sentimento “bendizando aos que te amaldiçoam e orando pelos que te maltratam e te perseguem?”⁹¹

Obviamente, trata-se não somente da procura de sentimentos belos, sozinhos (quanto à relação com Deus) ou em grupo (religião social, ou aspecto comunitário). Pelo contrário, o que Wesley chama aqui de um *coração reto* iria perturbar aqueles que buscam meramente uma harmonia sentimental que se somente garante ou preserva por se distanciar do mundo em conflito. A busca por amar os inimigos é uma aventura que conduz aos seus próprios limites afetivos e intelectuais, enfim, humanos. Nessas condições, a sensação de alegria, paz ou felicidade aparece pela busca da integridade e da verdade.

⁸⁹ Wesley apud R. de S.JOSGRILBERG. *Estruturas teológicas e ênfases em John Wesley*, p.27.

⁹⁰ R. de S.JOSGRILBERG. *Espiritualidade comprometida*, p.52.

⁹¹ J.WESLEY. *Sermões de Wesley*, pp.260-261.

Considerações finais

Motivado pelas celebrações dos 275 anos da experiência de Aldersgate de John Wesley propomos contextualizar a metáfora usada por ele para descrever o impacto dessa experiência sobre a sua pessoa: "... *senti meu coração estranhamente aquecido*".

Em primeiro lugar, sugerimos ler esse relato a partir da sua pertença à tradição da *religio cordis*, da religião do coração. Resumimos que Wesley tinha um amplo conhecimento dessa rica tradição segundo as suas expressões católicas, anglo-católicas e protestantes e que ele valorizou a mesma, porém, em forma de uma releitura. Ele apreciou as suas expressões comunitárias com a ênfase na mutabilidade e na interação contínua com o cotidiano. Aqui, encontramos a principal razão em Wesley pelo fato de ele se referir à religião como da *religião do coração e da vida*.

Enquanto a rejeição da *religio cordis* misticista luterana, articulada por Jacob Boehme, foi explícita e contínua, ele aparentemente nunca discutiu as expressões da *religio cordis* misticista católica ou anglo-católica (Wierix, Herman, Haefen, Teresa de Ávila, João da Cruz, Loyola). Considerando o caso de sua contínua apreciação de Tomas à Kempis, Wesley favorece da mística católica aquela vertente que tentou traçar seu caminho entre o intelectualismo escolástico e o misticismo especulativo e antirracionalista de Mestre Eckhardt e sua escola.

Como Lutero, Wesley apresenta a *religio cordis* como uma piedade vital. Porém, foi além do Protestantismo clássico na sua defesa do povo contra o desinteresse das classes altas. Wesley desenvolve uma *religio cordis* que relaciona empatia divina com a empatia humana; o ser envolvido por Deus no seu interior [do coração] com o ser envolvido por Deus no exterior [do mundo paróquia]; a práxis das obras de piedade com a práxis das obras de misericórdia, a promoção da liberdade com a promoção do compromisso. Finalizando, afirmamos que o modelo de Wesley de uma *religião de coração e vida* deixa também o legado de articular uma ideia mais integrada dos aspectos afetivos e racionais do ser humano.

Pesquisas futuras devem explorar o que contribuiu mais para imaginário coletivo metodista brasileiro da experiência de Aldersgate: a aqui apresentada cuidadosa releitura e reapropriação da *religio cordis* por Wesley ou as leituras da *religio cordis* dominantes no contexto brasileiro, herdadas da Contrarreforma, das religiões Afro e do Espiritismo. A falta geral de acesso às fontes originais das escrituras de Wesley, o amplo desconhecimento da diversidade da *religio cordis* e o discernimento quanto aos seus projetos distintos apontam para a necessidade de continuar a discussão sobre a *religio cordis* na teologia wesleyana. Porém, precisa-se ir além da apresentação da certamente habilidosa discussão de Wesley da *religio cordis* dos seus dias. Precisamos avançar na

investigação dessa cultura religiosa tão significativa em solo brasileiro. Não podemos simplesmente nos entregar a ela silenciosamente, sem discernimento quanto ao seu potencial e limites, nem rejeitá-la sem explorar o seu valor, especialmente nas suas intuições quanto aos limites da própria modernidade.

Referências bibliográficas

Fontes primárias

ARNDT, Johannes. *True Christianity: or, the whole economy of God towards man, and the whole duty of man towards God, in four books*. Tradução: Calvin Chaddock. Boston: impresso por Lincoln & Edmands, 1809.

ARNDT, Johannes. *True Christianity*. Edição: John Wesley. Introdução de Bruce Hindmarsh. London: Regent College Publishing, 2012.

[HAEFTEN, Benedictus von] *Schola cordis, or the heart of itself gone away from God, brought back again to Him, and instructed by Him*. In 47 Emblems. London: impresso por M. Blunder, 1647.

HAEFTEN, Benedictus von. *The School of the heart: the heart of itself gone away from God, brought back again to Him, and instructed by Him*. In 47 Emblems. London: impresso por Lodowick Lloyd, 1676 [3a edição]. Disponível em: <<http://collection1.libraries.psu.edu/cdm/compoundobject/collection/emblem/id/304/rec/www.libraries.psu.edu/psul/digital/emblem.html>>. Acesso: 10 fev. 2013.

HAMPSON, John. *Memories of the late rev. John Wesley A. M.: with a review of his life and writings; and a history of Methodism from its commencement in 1729 to the present time*. 3 volumes. Sunderland: impresso por James Graham, 1791.

HUGO, Herman. *Pia desideria: or, divine addresses, in three books*. Illustrated with XLVII. copper-plates. London: impresso por J. L., 1686. Disponível em: <<http://archive.org/download/piadesideriaor00hugo/piadesideriaor00hugo.pdf>>. Acesso em: 2 de dezembro 2012.

HUGO, Herman. *Pia desideria*. Antverpia: [s.e.], 1642. Fac-símile com introdução de Hester M. Black. Manston: Scholar Press, 1971. Disponível em: <http://archive.org/>

[download/piadesideria162400hugo/piadesideria162400hugo.pdf](#) Acesso: 2 de dezembro 2012.

KEMPIS, Thomas à. *The imitation of Christ*: selections annotated & explained. Annotation by Paul Wesley Chilcote. Adapted from John Wesley's The Christian Pattern. Woodstock, Vermont: Sky Light Illuminations, 2012.

LAW, William (ed.). *The works of Jacob Behmen, the Teutonic theosopher*: to which is prefixed the life of the author; with figures illustrating his principles, left by the Reverend William Law. 4 volumes. London: M. Richardson, 1764.

MONTENAY, Georgette de. *Emblèmes ou devises chrestiennes*. Paris: [s.e.], 1570. Disponível em: <http://ia600300.us.archive.org/28/items/georgiaemontanea00mont/georgiaemontanea00mont.pdf>. Acesso em: 20 jun.2012.

QUARLES, Francis. *Emblems and hieroglyphics of the life of man*. Savoy: Impresso e vendido por J. Nutt, 1634. Disponível em: <http://emblem.libraries.psu.edu/quarltoc.htm>. Acesso em: 20 fev. 2013.

RODDA, Richard. *A discourse delivered at the chapel in Oldham-Street, Manchester, March, 13th 1791*. On occasion of the death of Rev. John Wesley. Manchester: [s.e.], 1791.

KEMPIS, Thomas à. *The imitation of Christ*: Selections Annotated & Explained by Paul Wesley Chilcote. Woodstock, VT: SkyLight Paths Publishing, 2012.

WARD, W. Reginald; HEITZENRATER, Richard P. (eds.). *Journals and Diaries*. The Bicentennial edition of the works of John Wesley, vol. 1 [1735-1738]. Nashville: Abingdon Press, 1990.

WEHRD, N. von. *Helleleuchtender Hertzens-Spiegel*. Amsterdam e Danzig: impresso por Heinrich Betkuis, 1680. Disponível em: <<http://www.archive.org/stream/helleleuchtender02wehr#page/n3/mode/2up>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

WESLEY, John (ed.). *The Christian's pattern, or: a treatise of the Imitation of Christ* written originally in Latin, by Thomas a Kempis; with a preface, containing an account of the usefulness of this treatise, directions for reading it with advantage, and likewise

an account of this edition; compared with the original, and corrected throughout by John Wesley. London: impresso por C. Rivington, 1735.

WESLEY, John (ed.). *Imitation of Christ*. Editado por John Wesley, London, 1748.

WESLEY, John. *A concise ecclesiastical history*. from the birth of Christ to the beginning of the present century, 4 volumes. London: impresso por J. Paramore, 1781.

WESLEY, John. Thoughts upon Jacob Behmen. In: *Arminian Magazine*: consisting of extracts and original treaties of universal redemption. London: impresso por R. Hawes, 1781, pp. 268-274.

WESLEY, John. A specimen of the divinity e philosophy, of the highly illuminated Jacob Behmen. In: *Arminian Magazine*: consisting of extracts and original treaties of universal redemption (abr. 1782): p.207.

WESLEY, Charles e WESLEY, John (eds.). *Hymns and sacred poems*. London: impresso por W. Strahan, 1739.

WESLEY, John. *Sermões de Wesley*. Vol. 2. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1981.

WESLEY, John. *Thoughts upon God's sovereignty*. London: impresso por R. Hawes, 1777.

WESLEY, John. *Thoughts upon slavery*. London: impresso por R. Hawes, 1774.

WIERIX, Antonio. *Cor Iesv amanti sacrum*. [Antverpia]: 1585-86.

WITHER, George. *Collection of emblems, ancient and modern*. London: impresso por Hery Taunton, 1635. Disponível em: <http://collection1.libraries.psu.edu/cdm/compoundobject/collection/emblem/id/1199/rec/9>. Acesso em: 20 fev. 2013.

Fontes secundárias

BIGGS, B. J. H. *The imitation of Christ*: the first English translation of the "Imitatio Christi". Oxford: Oxford University Press, 1997.

CAREY, Brycchan. John Wesley's Thoughts upon Slavery and the language of the heart. In: *The Bulletin of the John Rylands University Library*, Manchester, vol. 85, n. 2-3 [verão outono] (2003): 269-284. Disponível em: http://www.brycchancarey.com/Carey_BJRL_2003.pdf. Acesso em: 23 dez. 2012.

COBB, Jr., John B. *Grace and responsibility: a Wesleyan theology for today*. Nashville, TN: Abingdon Press, 1995. COELHO, Humberto Schubert. Revolução na Reforma: a mística e a ciência sob a nova perspectiva teológica de Jakob Böhme. In: John PLURA, *Revista de Estudos de Religião*, vol. 2, n° 2 (verão outono 2003): 143-159-284 Disponível em: http://www.brycchancarey.com/Carey_BJRL_2003.pdf. Acesso em: 23 dez. 2012.

ENGLISH, John C. John Wesley's indebtedness to John Norris. In: *Church History*, vol. 60, n. 1 (mar. 1991): 55-69. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3168522>. Acesso em: 20 jan. 2013.

FEIL, Ernst. *Religio*. Vol. 4: Die Geschichte eines neuzeitlichen Grundbegriffs im 18. und frühen 19. Jahrhundert. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 2007.

HELFTA, Gertrude of. *The Life and Revelations of Saint Gertrude, Virgin and Abbess, of the Order of St. Benedict*. 2.^a edição; Tradução: M. Frances Clare Cusak. London: Burns and Oates, 1876.

HARPER, Kenneth. [William] Law and [John] Wesley. In: *Church Quarterly Review*, 163, Nashville, TN (jan. – mar. 1962): 61-71.

HEITZENRATER, Richard P. Great expectations: Aldersgate and the evidences of genuine Christianity. In: *Aldersgate reconsidered*. MADDOX, Randy L. (ed.). Nashville, TN: Kingswood Books, 1990.

JOHNSON, Galen K. "Of Bowels and Bigotry: Reading John Wesley's Editions of John Bunyan's Fictions" [The pilgrim's progress and The holy war]. In: *Archive für das Studium der neueren Sprache und Literatur*, vol. 242, n. 1 (jan./jun. 2005): 40-57.

JOSGRILBERG, R. de Souza. Espiritualidade comprometida. In: *Caminhando*, v. 4, n. 1 [6], [2^a ed. on-line; 1^a ed. 1993], (2010): 33-37.

_____. Estruturas teológicas e ênfases em John Wesley. In: *Caminhando*, v. 4, n. 1 [6], [2ª ed. on-line; 1ª ed. 1993], (2010): 16-23.

_____. As pregações de Wesley sobre o Sermão do Monte: A visão wesleyana da vida autêntica diante de Deus. In: *Caminhando*, vol. 9, n. 2 [14], (ago./dez. 2004): 44-55.

_____. Wesley e a experiência cristã. In: Revista *Caminhando* v. 11, n. 2 [18], (jul./dez. 2006) 41-54.

MADDOX, Randy L. Holiness of heart and life: lessons from North American Methodism. In: *Asbury Theological Journal*, vol. 51, n. 1 (jan./jun. 1996): 151-172.

MADDOX, Randy L. A Change of Affections: The development, dynamics, and dethronement of John Wesley's `Heart Religion`. In: STEELE, Richard (ed.). *Heart Religion" in the Methodist Tradition and Related Movements*, Metuchen, NJ: Scarecrow Press, 2001, pp. 3–31.

MANNING, John. *The Emblem*. London: Reaktion Books, 2004.

OUÉDRAOGO, Arouna P. The social genesis of vegetarianism to 1859. In: *Food, power and community*. Essays in the history of food and drink. DARE, Robert (ed.). Adelaide, AUS: Wakefield Press, 1999, pp. 157-158.

RASPA, Anthony. Arwaker, Hugo's Pia Disideria and Protestant poetics. In: *Renaissance and Reformation / Renaissance et Réforme*, v. 22, n. 2 (2000): pp. 63-73.

RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou*. salvação social em John Wesley. Revisada e ampliada. 2ª edição. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2011.

ROHLS, Jan. *Protestantische Theologie der Neuzeit*, Band 1: Die Voraussetzungen und das 19. Jahrhundert, Mohr Siebeck: Tübingen, 1997.

SHARROCK, Roger. Bunyan and the English emblem writers. In: *Review of English Studies*, vol. 21, n. 82 (1945): 105-116.

SONNI, André Henrique. *A religião do coração nos sermões 53-141 de John Wesley em comparação com os sermões 1-52*. Monografia (Graduação em Teologia). São Bernardo do Campo: Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

Referências imagéticas

Figura 1-2: HERMAN, Hugo. *Pia desideria*. Edição inglesa. 1690, capa e detalhe p. 104. *Pennsylvania State University Libraries* Disponível em: <http://collection1.libraries.psu.edu/cdm/compoundobject/collection/emblem/id/1474/rec/8>. Acesso: 20 fev. 2013.

Figura 3-4: 1º emblema de HAEFTEN, Benedict Von. *School of the heart*, 1686, p. 190. In: Página da *Pennsylvania State University Libraries*. Disponível em: <http://collection1.libraries.psu.edu/cdm/compoundobject/collection/emblem/id/304/rec/www.libraries.psu.edu/psul/digital/emblem.html>. Acesso em: 15 fev. 2013.

Figura 5-8: Francis Quarles, *Emblemes*, 1634, capa; p. 121 e 244. In: Página da *Pennsylvania State University Libraries* Disponível em: <http://collection1.libraries.psu.edu/cdm/compoundobject/collection/emblem/id/1369/rec/6>. Acesso em: 20 jan. 2013.

Figura 9: Emblema 34 de George Whiter, *A collection of Emblemes, Ancient and Moderne*, 1635, p. 39. In: Página da *Pennsylvania State University Libraries*. Disponível em: <http://collection1.libraries.psu.edu/cdm/compoundobject/collection/emblem/id/1199rec/3>. Acesso em: 20 jan. 2013.

Figura 10: O *Aufrechte Herz* de Boehme. BOEHME, Jacob. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Boehme-heart.jpg>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

Figura 11: Emblem *De Testamenti Christi*. BOEHME, Jacob. *Theosophia Revelata*, 1730. Disponível em: http://www.esoteric.msu.edu/jpg/De_Testamentis_Christi.jpeg. Acesso em 20 fev. 2013.

Figura 12: Paul Kaym, *Helleleuchtender Hertzens-Spiegel*. Amsterdam e Danzig: impresso por Heinrich Betkuis, 1680, emblema 6. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/helleleuchtender02wehr#page/n3/mode/2up>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

Figura 13: Paul Kaym, *Helleleuchtender Hertzens-Spiegel*. Amsterdam e Danzig: impresso por Heinrich Betkuis, 1680, emblema 8. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/helleleuchtender02wehr#page/n3/mode/2u>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

Figura 14: Gravura e página com título da Imitação de Cristo, editado por John Wesley em 1735. In: Página da *Bridwell Library, Southern Methodist University*, Dallas, TX, EUA. Disponível em: <http://www.smu.edu/~media//Site/Bridwell/Exhibitions/ImitatioChristi/04559%20Christians%20Pattern%2017351200.ashx>. Acesso em: 20 jan. 2013.

Figura 15 e 16: Detalhe de WESLEY, John. Uma palavra para um bêbado, 1748 [capa]. Disponível em: <http://find.galegroup.com/ecco/infomark.do?&source=gale&prodId=ECCO&userGroupName=capes&tabID=T001&docId=CW122096846&type=multi-page&contentSet=ECCOArticles&version=1.0&docLevel=FASCIMILE>. Acesso em: 20 jan. 2013.

Recebido: 29/01/2014

Aprovado: 28/07/2014